

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º*	Semest. 18 n.º*	Trim. 9 n.º*	N.º à entrega	24.º Anno — XXIV Volume — N.º 795	Redacção — Atelier de gravura — Administração <i>Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4</i> OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 33
Portugal (franco de porte. m. forte)	38800	18900	8950	8120	30 DE JANEIRO DE 1901	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos à administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsável Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)...	46000	23000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	56000	28500	—	—		



SUA Magestade a Rainha Victoria, Imperatriz das Indias
FALLECIDA EM 22 DO CORRENTE

A RAINHA VICTORIA

Em 22 d'este mez, pelas seis horas e tres quartos da tarde, no seu castello de Osborne, exhalou o ultimo suspiro a rainha de Inglaterra, Victoria I, imperatriz das Indias, que governava tantos milhoes de subditos e em tamanha parte do mundo, que, ao lado do seu imperio, parecia pequeno o dos Cesares romanos.

Levou uma longa vida, gloriosa, a que só deram maior sombra os ultimos desastres do Transvaal e o preço altissimo de victorias incertas. Diz-se que a bondosa rainha, durante suas ultimas horas de vida, chamava tragicamente o neto Christiano fallecido n'essas mortiferas terras do sul d'Africa, onde fôra cumprir seu dever de cidadão inglez, batendo-se pela patria. Lenda será talvez, mas a insistencia com que desde logo correu confirma a repugnancia da rainha por essa lucta em que a Inglaterra se teria envolvido muito a pesar da sua soberana.

Modelo foi ella de monarchas constitucionaes acatando sempre o parlamento e procurando na opiniao publica o norteamento de seus actos de rainha. Por isso são todos unanimes no elogio que lhe endereçam milhares de necrologios em todos os paizes do mundo e firmados por homens distinctos dos mais oppostos partidos.

Em todos os parlamentos foram por aclamação votadas as condolencias pelo infausto acontecimento, que enlutou quasi todas as familias reinantes da Europa. No parlamento portuguez, depois de ter sido á camara communicada a noticia pelo sr. presidente, falaram, fazendo o elogio fúnebre da rainha Victoria, os srs. ministro dos negocios estrangeiros, o sr. Franco em nome da maioria e pela minoria o sr. Francisco Beirão. Em signal de sentimento as camaras fecharam até ao dia do funeral.

A rainha Victoria Alexandrina nasceu em Londres, no palacio de Keesington, a 24 de maio de 1819. Succedeu no throno a seu tio Guilherme IV, sendo coroada a 28 de julho de 1838.

Tendo casado com o principe Alberto de Saxe Coburgo, deixa numerosa descendencia. Sua filha mais velha Victoria Adelaide é viuva do imperador Frederico Guilherme e mãe do actual imperador da Allemunha. Seu segundo filho, hoje rei de Inglaterra, Eduardo VII, tendo casado com a princeza Alexandra, filha do rei Christiano da Dinamarca, possui numerosa descendencia. Teve ainda a rainha Victoria mais seis filhos: Alfredo, Helena, Luiza, Arthur, Leopoldo e Beatriz.

Casara por amor com o principe e a morte do seu companheiro de muitos annos abalou-a profundamente, obrigando-a pela dôr a mudar completamente sua maneira de viver.

Morreu a rainha; viva o rei Eduardo VII foi aclamado no parlamento no dia 23. Bom modelo tem para seguir.



CHRONICA OCCIDENTAL

Chegou a Berlim o sr. Infante D. Affonso. Partiu para Inglaterra El-rei, o sr. D. Carlos.

Deveres de cortezia para com duas grandes nações fizeram sulcar os mares aos hiatos regios, por todas as linhas ferreas da Europa fizeram circular em comboios expressos os salões dos principes.

Festas na Allemanha celebrando o centenario da fundação do reino da Prussia e instituição da Agua Negra, luctos na Inglaterra pela morte da sua soberana estimadissima, a gloriosa Rainha Victoria I, Imperatriz das Indias.

Portugal tinha que demonstrar as boas relações existentes actualmente entre este pequenino estado, ainda tão rico em Africa, e as duas nações gigantes. O sr. D. Affonso foi recebido na estação do caminho de ferro pelo proprio Imperador Guilherme, que o nomeou tenente coronel do regimento de infantaria 20, de que é coronel honorario El-rei de Portugal. O telegramma com que El-rei Eduardo VII de Inglaterra agradeceu ao sr. D. Carlos a participação, que este lhe mandou de que iria assistir aos funeraes da Rainha, prova quanto o poderoso monarcha se sentiu sensibilizado pelo affecto, que lhe demonstrou seu primo portuguez.

Regendo este reino está a Rainha Sr.^a D. Amelia que no dia 28 prestou na camara o devido juramento.

Grande numero de reis se encontram agora em Inglaterra para assistir aos funeraes que devem realisar-se no dia 2 do proximo mez, que, por decreto regio, será entre nós considerado de lucto nacional.

Foi enorme a impressão produzida em todo o mundo pela noticia da morte da Rainha Victoria, fallecida no Castello de Osborne, depois de sessenta e quatro annos de gloriosissimo reinado.

Era senhora d'um imperio maior que o romano, maior que o de Felipe II, em cujos dominios sempre era dia. Passava de quatrocentos milhões o numero de seus subditos. A bandeira ingleza tremula gloriosa pelo mundo inteiro, na Europa, nas Ilhas Britannicas, em Gibraltar e Malta; na Asia, em Ceyllão, por toda a India e muitos portos da China; na Africa, em muitas ilhas, nas grandes colonias do Cabo e do Natal, em quantos pontos por esse oceano fora; na America, na Guyana, nas Honduras e nas vastas regiões do Canadá; na Oceania em Borneo, na Nova Guiné, na Nova Zelandia e por toda a costa do enorme continente australiano!

A Inglaterra possui hoje a maior marinha de guerra e mercante, que até este seculo tem existido no mundo.

E foi a que era senhora de todo esse imperio colossal que a morte ha dias prostrou como a qualquer mortal cuja vida passe ignorada, sem que deixe um rastro, sem que ás vezes deixe uma memoria.

Querida de todos, por todos foi abençoada; teceram-lhe elogios n'esta hora os mais acerrimos inimigos politicos. Todos se referem ás suas qualidades extraordinarias de mulher virtuosa e de rainha constitucional.

A seu respeito contam-se muitas aneddotas, todas concorrendo para exaltar seus excellentes dotes de coração e altissimas qualidades de espirito.

A velha rainha era a mais rica proprietaria de toda a Inglaterra. Senhora dos castellos de Osborne, Balmoral, Albergaldie, Sandrigham, Clarendon, Frogmorton e Tamborough, além de muitos outros dominios, possuía o ducado de Lancaster, cujo rendimento era enorme. Sua riqueza é avaliada em mais de cem mil contos.

Todos os governos europeus se farão representar nos funeraes. Todos os dias chegam telegrammas dando conta de novas manifestações.

Para Inglaterra sahio ás cinco horas da tarde do dia 20, o cruzador *D. Carlos*, dirigindo-se a Spithhead, levando a seu bordo a charanga do corpo de marinheiros.

A aliança renovada ha dias entre Portugal e a Grã-Bretanha obriga-nos a estas manifestações desusadas. A que mais nos obrigará não é possível prever o por enquanto.

A guerra com o Transvaal vai longe de seu termo e não faltou até quem asseverasse que os profundos desgostos que deu á velha rainha lhe abreviaram os dias. A noticia, que correu d'uma entrevista que ella tivera com Lord Roberts, o qual lhe pintara com muito negras côres o futuro que

em Africa esperava os soldados inglezes, foi logo desmentida; mas o que é certo é que o coração de Victoria I recebeu n'estes ultimos mezes profundos golpes.

Vai longe de seu termo a guerra e para Lourenço Marques enviou agora o governo portuguez uma nova expedição. Os valentes soldados, perto de quatrocentos homens entre praças de pret e officiaes, embarcaram no dia 26, na ponte do Arsenal, e, ao som do hymno, o *Zaire* lá foi seguindo Tejo abaixo, levando mais esse punhado de valentes até á Africa oriental.

Nas amuradas e nas enxarcias marinheiros e soldados agitavam com frenesi os lençóis. De terra respondia-lhes com saudações o povo que se aglomerava sobre a ponte.

Ao champagne, que foi servido na camara de 1.^a classe aos srs. ministros da guerra e da marinha, foram levantados alguns brindes entusiasticos a El-Rei, familia real, ao exercito e á marinha.

Vamo-nos costumando a vel-os partir, vai havendo menos entusiasmo quando elles chegam; mas o certo é que todos sabem longe da terra onde nasceram honrar a bandeira e assim hão de continuar, para gloria do nome portuguez.

Não é natural que tenham de entrar em campanha, mas preparados devem ir para todos os acontecimentos que possam dar-se.

A guerra não acabou por enquanto, mas se Eduardo VII for como sua mãe attento á opinião publica, possível é que venha a algum accordo com os boers, se é facto, como se afirma, que vae crescendo em Inglaterra o partido da paz. Eduardo VII disse que seguiria os passos politicos de sua mãe, que foi modelo de reis constitucionaes.

Morreu por isso cheia de gloria.

Gloria!... Como este nome vae mal ao pé do da morte e entretanto quantas vezes se junta!

Cheio de gloria tambem, de gloria com muito menos sombras, acaba de fallecer o grande maestro Giuseppe Verdi.

Que longa vida esmaltada de triumphos, desde o *Nabuco* representado em 1842 até suas ultimas operas *Otello* e *Falstaff*! Aqui, acolá, um fiasco, e logo uma victoria ainda maior que as precedentes! Uma queda era um estimulo. Algumas, como a da *Traviata*, por exemplo, transformavam-se depois nos maiores triumphos. Porque vemos cahir certas obras d'arte? Porque havia aquella de cahir? Nem o proprio Verdi o soube e elle o perguntava.

O grande maestro morreu em Milão com oitenta e oito annos de idade, trabalhando até quasi á sua ultima hora.

Quando o conde de Farrobo quiz um maestro para dirigir-lhe o theatro das Laranjeiras propuzeram-lhe Verdi, que tinha então assignado a musica de uma ou duas operas comicas. No concurso foi preferido o Frondoni, que por ahí ficou e todos conhecemos. Que seria de Verdi, se tem vindo para Lisboa? Que musico ahí prosperou? É mais facil suppor que Verdi teria sido como o Frondoni do que acreditar um instante que o Frondoni, apesar do seu merecimento, em Italia seria Verdi.

O sentimento publico tem-se manifestado com eloquentes provas do muito apreço em que era tido o trabalhador genial, auctor d'essa bella musica italiana cantada em todos os theatros lyricos do mundo, *Trovador*, *Traviata*, *Baile de Mascaras*, *D. Carlos*, *Aida*, *Otello*, *Falstaff* e quantas mais!

Quantas vezes o glorioso maestro aqui foi applaudido n'este theatro de S. Carlos, onde desde ha dias falta um dos seus frequentadores mais entusiastas, um apaixonado de musica, Antonio Duarte da Cruz Pinto, que a morte, quasi imprevisivelmente, um dia d'estes levou tambem!

Toda Lisboa o conhecia, por toda a parte o encontravamos, nas ruas, nos americanos, na camara municipal onde era vereador, nas redacções dos jornaes, onde escrevia artigos de critica musical, e sempre, sempre, onde houvesse musica, sua grande paixão, e em S. Carlos sempre, tomando parte acaloradamente em todas as discussões.

E este anno não tem ellas faltado, que o theatro vae muito parecido com o março-março; os *Huguenotes* agora applaudidissimos, logo depois o formidavel fiasco da *Africana*.

E nos intervallos erguem-se as disputas, os partidos formam-se e fala-se das cantoras entre noticias de sensação, que S. Carlos é centro de cavaco e quando corre qualquer noticia boa ou má sempre esvoaça por aquella grande sala illuminada, roçando com as azas pelos camarotes, girando pelo salão de entrada, dando uma volta pelo palco, pousando nas torrinhas. E não faltou de que falassem as senhoras visinhas decotadas e de manga curta com brilhantes nos cabellos: o epilogo do drama da Mãe d'Agua, as notas falsas de cinquenta

mil réis, as obras que, de volta da exposição de Paris se acham hoje sepultadas no fundo do Oceano. Treme uma lagrima na ponta d'um cílio... O maestro ergue a batuta... Um sorriso mostra uns dentes como perolas... Os morcegos fugiram... Não tarda uma andorinha com uma boa nova.

João da Camara.

O Real Theatro de S. Carlos de Lisboa

(Continuado do numero antecedente)

1886-1887

Amelia Stahl, era uma formosa mulher de bella figura, com uma voz de meio soprano cujos agudos já estavam fatigados, mas dotada de muita intelligencia, e sabendo cantar e representar com muita distincção, adaptando-se aos caracteres mais oppostos; foi sobretudo na *Carmen* que mais se distinguio, cantando e representando n'esta opera com muita propriedade, dando ao desempenho da parte de protagonista um caracter artistico perfectamente accentuado.

Ernestina Bendazzi-Secchi era uma jovem rapariga, gentil, de estatura excessivamente pequena, filha da notavel dama Luiza Bendazzi que havia cantado em S. Carlos em 1862; tinha uma linda voz de soprano, bonito methodo de canto, grande facilidade de aprender os papeis, e com tendencia para cantora dramatica; era porem pouco ligeira, apesar de estar escripturada como dama d'este genero. Foi muito applaudida na opera *I pescatori di perle*, e principalmente na parte de *Adalgisa* da opera *Norma*, que foi onde mais se distinguio.

O tenor Fernando Valero possuía uma voz fraca, propria para papeis de *mezzo caratere*, mas com a desvantagem de não poder cantar nos agudos a *mezza voce*; era bom cantor, e desempenhou bem as operas *Carmen* e *I pescatori di perle*; foi um dos artistas com quem o publico mais sympathisou.

O barytono Eugenio Dufriche era artista muito consciencioso, e bom cantor; o publico porem não o apreciou sufficientemente.

O baixo Vidal, já conhecido no theatro de S. Carlos, conservava-se ainda um artista muito correcto, caracterisando-se muito bem; o orgão vocal achava-se porem muito fatigado.

Além das causas já mencionadas, tambem concorreram para difficuldar o andamento dos espectaculos a falta de uma dama ligeira e a de um tenor para o grande repertorio.

Por terem desagradado foram rescindidas as escripturas ao tenor Cardinali e dama Rossi-Trauner.

Tambem contrariou a marcha das representações, e os interesses da empresa, o ter, por vezes, estado doente a Theodorini. Em uma noite, 6 de janeiro de 1887, no 2.^o acto da *Africana*, ao co-meçar a aria, Theodorini teve uma syncope e cahiu desmaiada; levada em braços para dentro, só recuperou os sentidos algum tempo depois, ficando comtudo impossibilitada de cantar durante alguns dias, por causa de soffrer grandes hemorragias; naquella noite mudou-se o espectáculo, dando-se o 1.^o e 2.^o actos de *Pescatori di perle* e um *divertissement*. De outra vez, logo depois da primeira representação da *Norma*, uma bronchite teimosa reteve a Theodorini em casa por muitos dias, de modo que só houve tres recitas com a *Norma*, opera que promettia dar numerosas enchentes.

Não obstante tantos embaraços a empresa deu além da opera nova *I pescatori di perle* de Bizet, o *Simone Boccanegra* de Verdi; posto que esta não fosse nova, comtudo tinha alguns novos trechos, accrescentados pelo auctor, e outros substituidos. Além d'estas, porem, a empresa poz em scena a nova opera *I Doria* de Augusto Machado, mostrando mais uma vez os seus esforços em favor dos compositores nacionaes. A nova composição do author da *Lauriana*, mostrou quanto o maestro portuguez tinha avançado em sciencia musical; além de ter muitos trechos que revelam inspiração, a opera está bem instrumentada: é um trabalho de merecimento que illustra os annaes da opera lyrica nacional.

Na noite de 5 de abril, no salão da Trindade, executou-se o drama sacro *Maria Magdalena*, de Massenet, e a 2.^a parte do mysterio *Eva* do mesmo author; cantaram os seguintes amadores: Elvira de Sousa, Maria Perry Boto e D. José de Almeida na *Eva*; e Marianna Bravo Montalvão, Herminia Franco de Araujo, Maria Perry Boto, Maria de Alarcão, Elvira de Sousa, João Affonso, D. José

de Almeida, na *Magdalena*; maestro ensaiador Antonio Duarte da Cruz Pinto; 64 tocadores, na maior parte do theatro de S. Carlos e alguns amadores, 40 coristas do sexo masculino e 40 do feminino.

Em 15 e 17 de abril houve no salão da Trindade concertos de musica classica, por Amalia Materna, cantora que creou algumas operas de Wagner, Varette Stepanoff pianista e Gabriella Neusser violinista, escripturados por Amann.

Em 16 de maio de 1887, falleceu, em Lisboa, João Guilherme Daddi, afamado pianista e distincto maestro, de cujos merecimentos já fallámos em outro trabalho.

Em 20 de junho deste mesmo anno falleceu, em Lisboa, Augusto Neuparth, talentoso professor da orchestra do theatro de S. Carlos, insigne tocador de fagote e saxophone.

(Continua) *Francisco da Fonseca Benevides.*

QUESTÕES SOCIAES

(CRIMINALIDADE E RESPEITOS HUMANOS)

O homem é certamente a synthese real de duas forças que se degladiam durante a vida: material e animica.

Nas suas diversas phases accentua-se com maior ou menor incremento, consoante o temperamento organico e o grau de educação intellectual e moral dos individuos, o estímulo dos appetites materiaes ou a tendencia reflexiva do espirito.

Muitissimas vezes a victoria fica á força espirital, e acontece tambem caber o triumpho á materia.

Dominar as paixões depravadas, não ceder ao instincto do vicio, conter em guarda a propria maldade alheia, é contribuir evidentemente para o estabelecimento do equilibrio social no reinado pleno das faculdades psychicas.

A continencia é grande virtude desde que não obedece apenas a intuitos calculados com reservada hypocrisia, e representa lealmente a nobreza objectiva do sentimento.

A idéa do bem e a noção do dever, quando não são a bussola porque se orientam e regulam as acções humanas, nenhum dominio exercem na direcção das vontades e deixam campear o crime.

Logo nas primeiras paginas do livro celebre *Dos delictos e das penas*, transcreveu o illustre Beccaria este famoso pensamento do philosopho Bacon:

«Dans les choses difficiles, il ne faut pas s'attendre à semer et à recueillir tout à la fois; mais il faut travailler à faire mûrir, pour moissonner un jour».

Assim é: não se transformam n'um momento as tendencias de degeneração da natureza humana, nem se alteram radicalmente nos efeitos necessarios as leis concernentes a tempos remotos.

A actualidade accusa um augmento excepcional de crimes de toda a ordem, implicando em factores conhecidos de tal producto deprimente.

O roubo, os attentados ao pudor, o homicidio premeditado, constituem moeda corrente e miseravel materia prima para ganancia de certa imprensa tão reles quanto immunda, a qual vae espojar-se no monturo da perversão para em seguida atirar ao publico, no delirio extremo da febre de publicidade mercantil, o alimento deleterio e suggestivo do crime aperfeiçoado.

Ha tres causas principaes a que attribuir o phenomeno desolador do desenvolvimento espantoso da criminalidade: falta de religião, analphabetismo, maus governos.

A estes cabe responsabilidade enorme, attenta a sua qualidade superior de dirigentes.

Disse muitissimo bem Beccaria que: «As nações só serão felizes quando a sua moral estiver estreitamente unida á politica».

O papel civilizador d'um governo na evolução dos povos e na filiação dos acontecimentos, deve medir-se e aquilatar-se pelo aspecto physiologico das condições e pela modalidade das circumstancias.

Embora seja impossivel submeter a systemas intuitivos e a moldes invariaveis, actos externos imprevisos e resoluções intimas de consciencia, cumpre ao poder central mallear por preceitos singelos de ethica a indole das massas e fazer applicar com promptidão o correctivo adequado a todas as faltas.

E' perfeitamente racional que se façam concessões e que se accitem attenuantes que permitam a moderação das penas, mas é muito mais logico e de inquestionavel alcance moral evitar o emprego dos recursos e meios extremos por uma

sensata educação civica, antecipada e acompanhada pela acção vivificante do principio religioso.

A religião é o elemento mais poderoso de harmonia geral no conceito da razão e até na existencia dos povos.

E' uma luz interna que nos eleva a mente ás concepções mysticas da fé pura e á contemplação serena da Divindade: é um freio suave que retém a explosão dos baixos sentimentos animaes e nos faz pender para o lado verdadeiro.

Um arsenal de penas nunca poderá corrigir com tanto resultado pratico um delinquento convencido ou uma sociedade enferma de vicio como a palavra de unção consagrada pela santidade do ministerio religioso e dignificada pela virtude patente de seus apóstolos.

Desde que para o homem acaba tudo com a morte physica é logicamente licito dar satisfação immediata a todos os desejos e a todas as inclinações.

O maximo de prazeres sensuaes será então egualmente o maximo de glorias, ainda mesmo que tenha sido alcançado de punhal em punho, calcando um chão juncado de cadaveres de victimas indefezas.

A leviandade estúpida dos depositarios do poder conduz a taes aberrações sociaes, quando elles não conhecem outro motor que o interesse pessoal e não ouvem outra voz que o egoismo tacanho.

Os paes de familia para que lhes seja possivel ministrar bons ensinamentos aos filhos carecem de havel-os recebido anteriormente; e semelhante iniciação prévia não se compadece com processos desleaes de administração publica em Estados enfeudados á politica erronea de favoritismo.

A ignorancia de multidões analphabetas debella-se tambem despertando o sentimento de dignidade e o justo respeito ás leis, espalhando a instrução largamente, creando incentivos proprios a animar o brio popular e sobretudo avivando nas almas o fervor das crenças.

Sempre hão de existir criminosos nas sociedades humanas apezar mesmo da melhor organização que ellas possam atingir; mas o facto de não caber na alçada de creatura racional obstar á consummação do delicto não absolve de culpa os governos fracos e desleixados, nem colhe como argumento irresponsivel em defeza dos accusados.

Ensino obrigatorio, ou luz de intelligencia; principio religioso, ou pão espirital para almas; politica austera, ou equilibrio moral de povos e de dirigentes, tal creio que seja o remedio infalivel a oppôr á criminalidade humana e o pedestal inabalavel que deve offerecer á admiração da posteridade agradecida o busto inconfundivel de quem o adoptar.

Entre as causas de grave damno no conjunto dos males sociaes, figura em logar de primazia o excesso ou a má interpretação dos respetos humanos.

A propria boa ordem geral e a segurança particular de cada individuo, estão dependentes até certo ponto da forma como são apreciados os actos diversos da vida dos homens, e da linha de conducta seguida pela auctoridade publica.

O povo é a victima eterna das injusticias e das prepotencias, e é tambem sempre o bode expiatorio das grandes maculas alheias.

O proteccionismo revoltante concedido insensatamente áquelles que se suppõe dispõem de influencias politicas, estende-se ainda miseravelmente ás pessoas de familia e aos simples apuniguados.

Esta norma bestial de proceder cala no animo da multidão, irrita os espiritos mais prudentes, produz o incendio e arrasta as revoluções.

E' logico, é natural e necessario que isso aconteça, pois que não ha excepções no laboratorio vastissimo da natureza, e as mesmas leis que regem a evolução do feto desde a concepção até ao parto, na mulher rica, presidem egualmente ao phenomeno da geração e ás phases organicas do embrião que precedem o nascimento, na mulher mendiga e na esfarrapada.

O merito e o demerito das acções não resulta da vontade caprichosa nem do favor de ninguem: a virtude falla por si.

O 1789, embora irreparavel em muitos pontos, foi contudo consequencia fatal de erros altamente censuraveis e de abusos que bradavam aos ceos.

Nem só a maravilhosa estrutura do Universo e a harmonia mathematica que subordina os corpos, demonstrem a creatura que uma Providencia véla pelo destino dos mundos, tem tambem valor eloquente de prova toda a explosão no theatro da vida, da consciencia ultrajada contra o desmando dos petulantes.

O socialismo ha de vir passear triumphante

sobre os cadaveres putrefactos dos que ousam calcar direitos inalienaveis e explorar com astucia torpe.

Eu sei que dá para muito a malignidade das paixões ruins, as quaes incitam a attentados e levam a crimes atrozes, mas tenho por certeza indubitavel que não existe azedume sem agro.

E' mister sacudir a affronta que nos cuspiram na face, como é mister não permittir que nos espoliem impunemente.

E quando os governos impellem o arrojo e a farfalharia venal a termos escandalosos de audacia exorbitante, lavram tacitamente a sua sentença de morte e depõem implicitamente na mão das massas populares o cutelo da vingança.

Assim como não ha fumo espontaneo, assim tambem não ha desordens de anarchia sem um motivo concomitante.

Uma vez formuladas as leis e redigidos os codigos, é forçoso que cessem quaesquer razões de consideração que possam prevalecer á sua applicação immediata.

Se a propriedade legitimamente adquirida confere diploma de posse incontestada, nenhuma justiça da terra é apta para esbulhar o possuidor de seus interesses sagrados em favor de quem quer que seja.

A importancia da categoria, as qualidades proprias e o quantitativo das vantagens allegadas, não sobrelevam ao direito.

De modo tal, todo o agente do crime incorre na pena comminada.

A facada, o roubo ou qualquer outra especie de delicto implica responsabilidade identica e diligencias semelhantes, quer a auctoridade tenha de haver-se com o gerente d'uma fabrica, com um irmão e o creado d'este ou quer se trate do primeiro magistrado d'um povo.

«Pereça o mundo mas cumpra-se a justiça.»

E' esta expressão d'um conceito austero e sublimado, que deveria postergar o ardid das vaidades e o disfarce ambicioso dos velhacos.

Do mesmo modo que a nausea provoca o vomito, de maneira igual o malusar permanente, adoptado como systema por aquelles que se acham investidos em attribuições de desagravo, desautorisa e abandalha as classes dirigentes.

Não pensem os caudillos servidores de politica de droga, que é bastante para defendel-os do odio das turbas que expoliam, a inviolabilidade que parecem sancionar-lhes os poderes constituidos.

Tudo se altera com rapidez, logo que se unem os esforços n'um movimento de reacção.

E para tanto se conseguir, só é precisa a ideia inicial, como á custa d'uma unica fôlha pôde ser abraçada inteiramente uma zona amplissima.

Mantenham-se os respetos humanos, mas na medida que for compativel com as regras preceituas da Justiça incorruptivel, e com os sentimentos de nobreza e de sympathia que a verdade desperta.

Juizo recto, vinga injurias e reprime os malvados: favoritismo ignaro, céva monstros e desconjuncta organizações sociaes.

D. Francisco de Noronha.



AS NOSSAS GRAVURAS

SOUZA BASTOS

É o auctor da revista ha dois dias representada no theatro de Avenida: *Talvez te escreva*.

Foi n'esse genero que Souza Bastos conseguiu tornar-se celebre. Ainda hoje quem quer reavivar memorias de grandes exitos ha de forçosamente falar do *Tim-tim*, em que tão notaveis se tornaram a Pepa e o Alfredo de Carvalho, do *Tam-tam*, onde Palmira Bastos nos appareceu pela primeira vez fazendo a *Gatinha branca*, e de tantas outras peças na Rua dos Condes, na Avenida, na Trindade, todas cheias de muita alegria, de bons ditos, de finissimos quadros, e dando sempre ensejo a que os actores brilhem pela graça, as actrizes pela formosura.

Souza Bastos é um empresario intelligentissimo. Poucos sabem como elle manter uma peça no cartaz, reclamando-a, renovando-a, substituindo-lhe quadros, ornando-a com novas copias.

Dirigindo hoje o theatro de Avenida, conseguiu formar uma excellente companhia, cuja estrella, Palmira Bastos, é, sem a menor duvida, uma das



Princesa Victoria
de Slesvig-Holstein

Princesa
de Leiningen

Princesa Victoria
de Gales

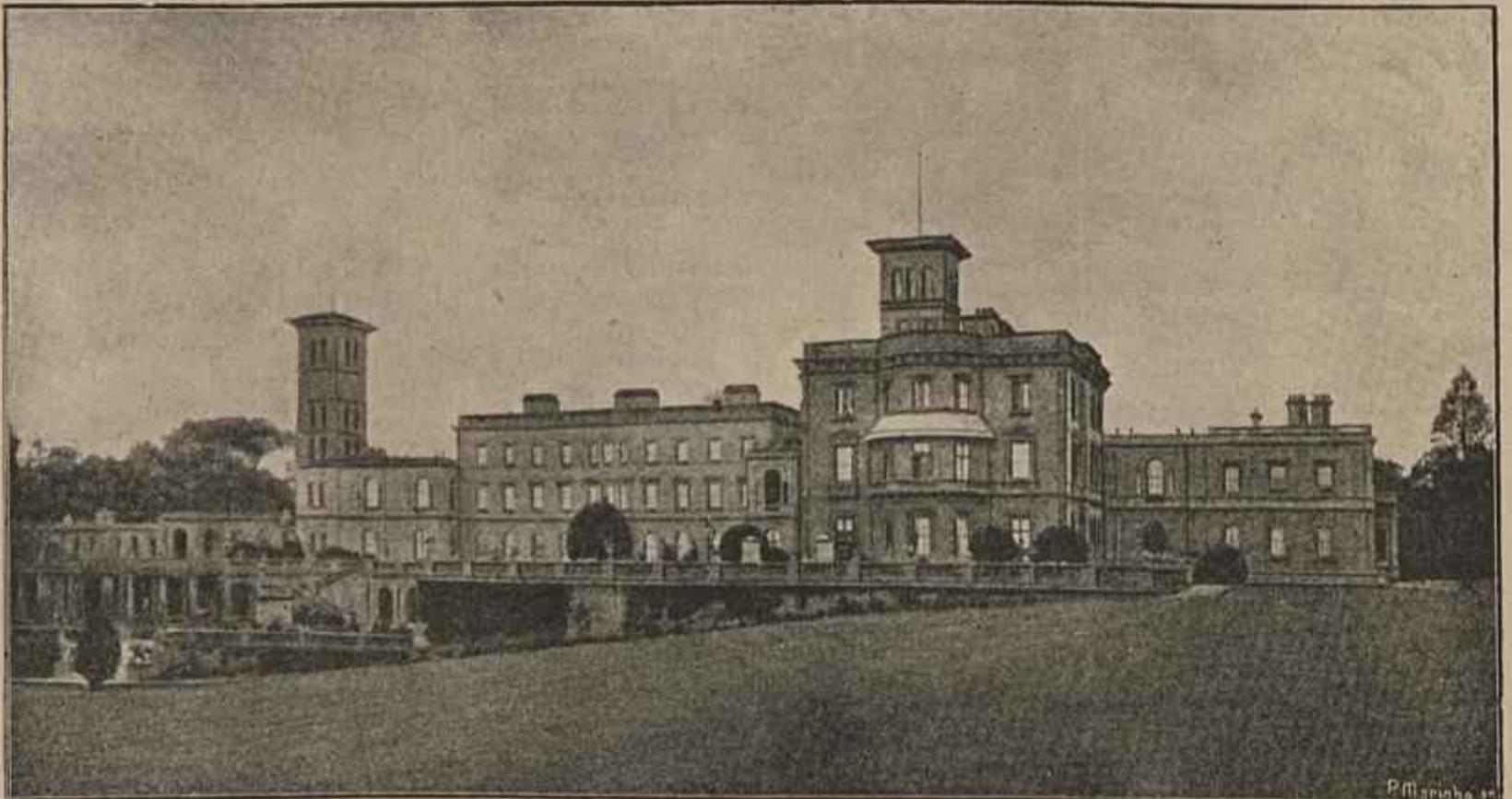
S. M. A Rainha
Victoria

Princesa Henri da Prussia
e seus filhos

Príncipe Mauricio
de Battenberg

S. M. A RAINHA VICTORIA EM FAMILIA

(Cópia de uma photographia de B. Milne)



O CASTELLO DE OSBORNE ONDE FALLECEU A RAINHA VICTORIA

(Cópia d'uma photographia)

mais completas actrizes de opera-comica que tenha representado e cantado em theatros portuguezes.

Mas não só ella ali atrae o publico. Os mais notaveis actores no genero ali se reuniram. Para dar alma a uma revista basta o Alfredo de Carvalho, eximio n'esse genero.

Talvez te escreva está destinada a uma brilhante centesima, como suas manas mais velhas. Assim o desejamos a Sousa Bastos com toda a sinceridade do nosso coração.

O SENHOR FRANCISCO

(RECORDAÇÕES DE 1848)

por

Ivan Turgenev

Passei todo o inverno de 1847 a 1848 em Paris. O meu quarto ficava pouco distante do *Palais Royal*, onde, quasi todos os dias, eu ia tomar café e ler os jornaes. O *Palais Royal*, não era ainda, áquella data, o que mais tarde veio a ser: um ermo, com quanto, desde longo tempo, se houvessem desvanecido nos annos do passado os seus dias de gloria, d'essa gloria tão especial que levava os nossos veteranos russos de 1814 e 1815, sempre que encontravam qualquer viajante regressando de Paris, a exclamar:

«Que é feito d'esse nosso querido amigo, o *Palais Royal*?» Certo dia — foi em principios de janeiro de 1848, — estava eu sentado a uma das banquinhas dispostas em redor do café da Rotunda, eis senão quando hum homem de estatura elevada, secco e magro, de cabello preto já um tanto sarapintado de branco, arvorados sobre o nariz aquilino uns óculos de ferro assaz ferrugentos e com vidros fumados, sahe do café, lança um olhar em

THEATRO DA AVENIDA



SOUSA BASTOS

redor, e, tendo verificado que as mēzas estavam todas occupadas, pede-me licença para se assentar áquella a que eu estava abancado. Annuí. O homem dos óculos deixa-se cahir n'uma cadeira, impõe para a nuca o caduco chapéu de copa alta, e crusando as mãos ossudas sobre o castão da

bengala, gróssa e nodosa, pede uma chavena de café. Quanto ao jornal que o criado ao mesmo tempo lhe offerencia, rejeita-o encolhendo os hombros. Permutamos algumas phrases insignificantes. Recordo-me de que resmungava por entre dentes — «Tempo maldito! — mofino tempo!» dito isto, emborca á pressa a chavena e elleahi vae.

A impressão que o homem me deixara não se apagou facilmente. Era, sem a minima duvida, um francez do sul, gascõ ou provençal. O rosto tizado, lavrado de rugas, as fâces coradas, a bõcca desdentada, a voz surda e de cega-réga, o proprio casaco enxovalhado, cheio de gélhas, e parecendo não ter sido feito para elle, era tudo prenuncios do seu viver inquieto, vagabundo e penurioso. Um homem alquebrado, moído pelos embates da tormenta, disse comigo, e o seu estado de penuria não data de hoje nem de hontem; deve ter vivido sempre em apertos e na miseria. D'onde lhe resultaria aquella expressão semi-consciente e semi-involuntaria de superioridade que se lhe lê no rosto, em cada gesto e até no andar tibio, arrastado? Os pobres, os humildes não andam d'aquelle modo. Foram os olhos o que mais me impressionára, com aquellas pupillas castanho escuro, circundados d'um branco amarelado. Ora os escancarava fitando olhar immóvel e apagado, ora os piscava de modo estranho, arqueando os sobr'olhos hirsutos e lançando olhares de revez por cima dos aros dos óculos. N'esses momentos, um motejo amargo e maligno propagava se-lhe pelas feições do rosto. Que eu afinal não tive occasião, n'aquelle dia, para me occupar lá muito d'elle; a expectativa dos banquetes reformistas trazia agitado Paris em pêso. Puz-me a lêr os jornaes. No dia seguinte, voltei ao *Palais Royal* e lá tornei a encontrar o sujeito da vespera. Assim que me viu, cumprimentou-me, como se me reco-

O Real Theatro de S. Carlos



ERNESTINA BENDAZZI SECCHI na opera *Pescatori di Perle*, de Bizet



AMELIA STAHL na opera *Carmen*, de Bizet

nhecesse, com leve sorriso, e, sem me pedir licença, sentou-se ao pé de mim, como se o tel-o encontrado não podesse causar-me o mínimo desgosto, supposto houvesse mezas devolutas. A conversa travou-se immediatamente:

«O senhor é estrangeiro, russo, me disse de arremetida, remechendo, muito de seu vagar, com a colher, o conteúdo da chavena.

— Lá que eu seja estrangeiro, retorquii, creio que o terá percebido pela pronuncia. Mas porque foi que adivinhou que eu era russo?

— Por quê? Disse, agora mesmo; «perdão» com voz arrastada; que cantem tanto a falar, não ha senão os russos. E d'ahi, ja sabia que era russo. Ia pedir-lhe que se explicasse mais claramente; elle, contudo, tomára outra vez a palavra.

«Fiz bem em cá vir n'esta época, exactamente. É um tempo interessante para os excursionistas. Vae presenciar grandes coisas.

— Que coisas?

— Ora oiça: estamos em principio de fevereiro; d'aqui a menos d'um mez, a França ha de estar em plena república.

— República?

— República! Pois então! Mas não se regosije antes de tempo, se é que a noticia o regosija. Antes do fim do anno, os Bonapartes estarão de posse (empregou um termo cynico) d'esta mesma França.

Emquanto se restringiu a mencionar a república, não acreditei palavra, e contentei-me com dizer, de mim para mim: Cá está este a querer me disfructar, pensa que sou para ahí qualquer scythia ignaro. Bonapartes? Onde demonio iria elle desencantar Bonapartes? N'este momento do reinado de Luiz Philippe, quem é que pensava em Bonapartes? ou, pelo menos, quem falava em semelhante coisa? Querem ver que vim cahir nas unhas para ahí de qualquer d'esses mystificadores, d'esses cavalheiros d'industria que infestam os cafes e hoteis, embuscados á caça d'estrangeiros, para lhes apanhar dinheiro a titulo de emprestimo?

— «Suppõe, então, que o rei não consentirá reformas, sejam ellas quaes fôrem? perguntei, passado breve silencio. As exigencias da opposição não parecem, contudo, excessivas.

— A cantiga do costume; replicou, com ar negligente. Extensão do direito eleitoral, aproveitamento das capacidades — palavrinha, e mais nada — Banquetes, era uma vez, o rei diz que não cede, e o Guizot diz que não quer. E demais, acrescentou, naturalmente, por ter notado a impressão pouco favoravel que produzia na minha pessoa:

— Leve o diabo a politica. Fazel-a, é divertido, mas vê de fóra como e que os outros a fazem, é estúpido. Tal qual os cachorrinhos, quando os canzarões... gozam da vida: os cachorritos, coitados d'elles, o que lhes resta? — ladrar e ganir. — Mas falêmos d'outra coisa.»

Nem já me lembra de como é que principiou a conversa.

— Costuma ir ao theatro? Já se vê — ... prompneu com esse ar sacudido em que eu já fizera repáro, e que deixava suppôr que não concedia grande attenção ao que lhe diziam; que os senhores russos, todos gostam de theatro.

— Costume, de vez em quando...

— E está encantado com os nossos actores? faço ideia.

— Com alguns, com os da Comedia Française, principalmente.

— O bom gosto, atallhou com certos entôno, o bom gosto — eis o que deita a perder os nossos actores. Tradição d'aqui, conservatorio d'ali, uma desgraça! — Do primeiro até o ultimo, são de gelo — e ócos, como esses taes peixes que, durante o inverno, apparecem nos mercados lá da sua terra. Não ha entre nós um só actor que se atrevêsse a proferir — Amo-te!, sem escachar as pernas como um compasso, e arregalar o olho com ar languido e beatifico — Por causa do tal bom gosto, já se sabe — Actores que mereçam o nome, só em Italia. Quando eu vivia na Italia...

A proposito, que me diz a Constituição que o rei Bomba concedeu ha pouco aos seus subditos fieis? E tão cedo não lhe perdôa a mercê, digo lh'o eu!

— Quando estive em Napoles, vi por lá, no theatro popular, uns patuscos... C'os demonios! Todo o italiano nasce actor — É dom da natureza — emquanto que nós, isso sim, — esfallamo-nos a correr atraz da naturalidade. — Compare o melhor dos nossos comicos do Palais Royal com o ultimo d'aquelles marmaros que, lá em Napoles, improvisam sermões no meio da rua! «Per le santissime anime del purgatorio», ejacolou, de subito, em tom cantado e fanhoso — e, até onde chegava o meu criterio, com o mais puro accento napolitano.

Larguei a rir, e elle fez o mesmo, sem ruido, escancarando a bóca e mirando-me, por cima dos olhos.

— «Pois sim, mas a Rachel... observei.

— A Rachel — sim, essa é uma força; a força e a flôr d'essa judiaria que já se apoderou das algebeiras do mundo inteiro e que não tardará muito em se apoderar do resto; — que quem tiver a algebeira tem a mulher, e quem tem a mulher tem o homem. — Sabe que mais, a Rachel é tal qual o Meyerbeer, que nos anda sempre a fazer negaças e fôsqinhas com o seu *Propheta*: «Vou dar-lh'o; nada, não; já lh'o não dou — » É um homem habil, um hebreu, um *maestro* — mas não no sentido musical — já se vê — Que a Rachel, se quer que lhe diga, ha uns tempos para cá, esta-se estragando e quem tem a culpa sois vós, senhores estrangeiros. — Lá na Italia ha uma actriz, uma tal Ristori. Ouvi dizer que casara ultimamente com um marquez qualquer e que se retirára da scena.

Tenho pena — porque é boa, lá isso é — ainda que abusa um tanto das caretas.

— Esteve muito tempo na Italia? perguntei.

— Se estive? Gastei por lá, até, algumas sólas. E onde é que eu não estive?

— Na propria Russia, ao que parece?

— Também gosta de musica? perguntou, sem responder á minha pergunta — Frequenta a Opera?

— Gosto de musica.

— Gosta?... podera não! — Ou não seria slavo — não ha nenhum que não padeça de melomania.

— Pois meu caro senhor, saiba que é a ultima de todas as artes! — A musica, quando não actua sobre o homem é massadora, e quando actua é nociva:

— Nociva, então porque?

— É nociva, porque enerva, tal qual os banhos muito quentes. E senão, pergunte aos medicos.

— E com respeito as outras artes, qual é a sua opinião?

— N'este mundo, meu caro senhor, não ha senão uma arte, — a escultural! É fria, impassivel, grandiosa; evôca no homem a idea ou a illusão — lá isso, como quizer, — da immortalidade e da eternidade.

— E a pintura?

— A pintura?! —

— A pintura? N'essa ha sangue de mais, carne de mais; excesso de côr, excesso de peccado. Não pintam senão mulheres nuas! A estatua nunca o está. Escaldar o sangue ao homem! Para quê? Como se elle precisasse d'isso! Os homens são todos culpados, criminosos, pôdres de peccados, desde a cabeça até aos pés!

— Podres! todos, todos sem excepção?

— Todos, o senhor, eu, e até aquelle solteirão com cara de paschoa, que está a comprar uma boneca para a dar de presente a qualquer filho alheio, ou d'elle, quem sabe lá? Tudo, tudo culpado!

Não ha ninguem que não tenha na sua vida um casosinho de policia correccional e quem ha ahí que se possa gabar de não ter direito a um cantinho n'esse mofino banco dos réus.

— Pelo que vejo, sabe-o melhor que ninguem, proferi, sem querer.

— Melhor que ninguem, diz muito bem. — *Experto credi* (em vez de *crede*) Roberto.

— E a respeito de litteratura, qual é a sua opinião? disse eu proseguindo no meu interrogatorio. Queres mystificar-me, disse eu comigo, por que te não hei de eu mystificar, a ti, que das syllabadas n'uma citação latina, que ninguem te obrigou a fazer?

(Continúa)

Pin-Sel.

SCIENCIA MODERNA

XXIV

O LEITE E SUA CONSERVAÇÃO

O leite é um dos productos alimentares que mais facilmente se altera. Para impedir essa alteração, é costume adicionar-se-lhe varios productos que o tornam susceptivel de ser conservado durante longo espaço de tempo sem o perigo de lhe ser modificada a sua composição.

Fallaremos unicamente de dois d'esses productos, os quaes são os mais frequentemente empregados para a conservação do leite, indicando igualmente os inconvenientes que podem provir da junção ao leite, d'esses mesmos productos.

Queremos referir-nos ao bichromato de potassio e ao aldehyde formico.

1.º *Bichromato de potassio*. — Em 1891, um sueco, o dr. Allen, pediu para que lhe fosse concedida a patente d'invenção para um processo

por elle imaginado no intuito de garantir a conservação do leite.

Consiste elle no seguinte: Se juntarmos 0,1 de bichromato de potassio a um litro de leite, esta quantidade é sufficiente para obstar a alteração do leite durante 24 horas; se lhe juntarmos 0,25, o leite fica intacto durante 15 dias, se lhe juntarmos 4 grammas, o leite não se estraga durante quatro mezes.

Este processo applicado aos leites de consumo pode dar bons resultados, tendo as analyses comprovado que realmente com taes quantidades de bichromato de potassio, o leite conservar-se-ha inalteravel.

Em Bordeus, fizeram-se ultimamente analyses n'este sentido, baseadas no processo Allen, mas com uma pequena variante: o bichromato foi substituido por uma mistura composta de uma parte de bichromato e duas de chromato neutro, empregadas na dose de dois grammas para cada 50 litros de leite, o que dá ao leite uma coloração amarellada muito menos intensa do que a coloração tomada empregando só o bichromato.

Tem, alem d'isso, o processo Allen o inconveniente de, em virtude da coloração amarela intensa que o leite toma com a addição do bichromato, o tornar suspeito e por conseguinte regeitado no consumo.

O emprego dos chromatos está, no emtanto, longe de ser pratico e alem d'isso não é recommendavel visto que os saes de chromio, mesmo em pequenas doses, são venenosos.

Um processo de fiscalisação muito simples permite averiguar a quantidade de saes de chromio que um leite contém:

Trata-se um centimetro cubico de leite pelo seu volume de uma solução de nitrato de prata a 2 %/o, o liquido côrar-se-ha desde o alaranjado até ao amarello, consoante a percentagem em chromio que elle contiver. Todo o leite que modificar a sua côr com o auxilio d'este reagente não deve ser utilisado, por suspeito.

2.º *Aldehyde formico*. — Reconhece-se a existencia d'este corpo organico no leite servindo-nos do reagente de Schiff, fundado na propriedade que tem os aldehydes formicos de avermelharem uma solução de fuchsin descorada pelo anhydrido sulphuroso. É necessario, no emtanto, notar que se se fizer reagir directamente a solução de Schiff sobre o leite, o resultado pode não ser satisfatorio porque a cazema e os albuminoides que existem no leite tambem podem côral-o de vermelho de modo que, é difficil n'um dado momento, saber-se se a côr vermelha deve ser attribuida á existencia do aldehyde formico no leite, ou não.

Remedeia-se este inconveniente pela junção do acido chlorhydrico, que faz virar ao azul a coloração vermelha dada pelos aldehydes ao bisulphito. Opera-se então da seguinte forma:

N'um tubo de ensaio, deite-se 10 centimetros cubicos de leite, e junte-se um centimetro cubico de reagente fuchsinado, o qual toma a côr vermelha. Depois de ter deixado repousar a mistura durante cinco minutos, junte-se-lhe dois centimetros cubicos de acido chlorhydrico e agite-se. Se o leite não contiver aldehyde formico, a mistura torna-se amarella, se o contiver, conservar-se-ha azul violaceo mais ou menos intenso consoante a quantidade existente.

O reagente fuchsinado prepara-se do seguinte modo:

Tome-se 20 gr. de fuchsin dissolvida em 300 cm³ de agua, junte-se-lhe 10 cm³ de bisulphito de soda a 40º Beaumé, com 10 cm³ de acido sulphurico e agite-se; a mistura turva-se mas o precipitado desaparece logo e uma coloração levemente vermelha apparece por algum tempo, findo o qual se torna o reagente perfeitamente incolor.

XXV

ANALYSE DOS OLEOS POR OXYDAÇÃO

Varios processos se tem adoptado nas analyses dos oleos, sendo os que hoje se acham mais em uso, os que se fundam no indice de refracção e no indice de iodo e indice de bromio dos diversos oleos.

O indice de refracção dos oleos é diverso consoante a sua especie, de modo que facilmente por meio d'elle, pode-se achar qual a especie de oleo que se sujeita a analyse. O aparelho empregado é o *oleo refractometro* fundado na propriedade que os raios luminosos tem de soffrerem um desvio quando passam de um meio mais refrangente para um meio menos refrangente.

O processo pelo iodo e bromio é um processo volumetrico, pretendendo se saber qual a quantidade em volume que cada oleo fixa d'esses cor-



ALFREDO MESQUITA

AUCTOR DO LIVRO «CARTAS DA HOLLANDA»

o canto, começando os seus estudos em Vizeu com o professor Dalhuny.

N'um sarau realisado n'esta cidade em 1887, demonstrou Augusta Cruz, os seus grandes dotes artisticos, obtendo um successo em todos os trechos que cantou.

Proseguindo a sua carreira, seguiu para Lisboa onde estudou com o maestro Pontecchi, e um anno mais tarde, desempenhava em S. Carlos a parte de Siebel no *Faust* com um acolhimento muito favoravel de todo o publico. Afim de completar os seus estudos, foi a Milão, até que em 1890, fez a sua estreia definitiva em Padua, tomando a seu cargo, a difficil parte de Leonor do *Trovador*.

Os seus successos, desde então, foram ininterruptos, sendo as suas operas favoritas *Trovador*, *Huguenottes*, *Forza del Destim*, *Lohengrin* e *Roberto*.

Ha pouco abandonára a carreira lyrica, desposando o sr. Manuel Carneiro que, bem pouco tempo, poude avaliar as caricias de uma senhora affavel e virtuosa.

Que descanse em paz a distincta artista.



PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Télas do Minho — por Abilio Maya — Com duas palavras do sr. Olavo Bilac — Illustrações de Conceição Silva — Imprensa de Libanio da Silva — 1900.

O volume que tem o suggestivo titulo de *Télas do Minho* é um verdadeiro mimo na sua parte material. Composição, impressão, papel e illustrações, são esmeradamente escolhidos e tornam o livro, primeiro que tudo, de um aspecto agradável e abonam o bom gosto que presidiu a tão distincta edição.

Nas suas *Duas palavras* o illustre escriptor brasileiro Olavo Bilac aprecia as composições poeticas do sr. Abilio Maya contidas n'este volume e dedica-lhes os seguintes periodos, que recortamos, pois não saberíamos, em verdade, exprimir melhor, nem tão bem igual conceito:

Estes versos do sr. Abilio Maya podiam ter uma factura mais sabia, uma arte mais apurada, uma escolha melhor de vocabulos: mas salvam-se e são lidos com commoção, porque teem um raro perfume de sinceridade.

São versos de quem comprehende e ama a natureza.

Quebra-os a saudade dos logares amados, enche-os de lagrimas a piedade: ha, em cada um d'elles, a imagem de um sitio querido, a recordação de uma festa rustica, a evocação de um drama pungente e singelo em que entra a gente simples do campo, com toda a sua ingenuidade e toda a sua rude belleza.

E' inutil citar aqui, destacando-os do conjunto, este ou aquelle trechos.

O livro será lido e relido, que o merece.

E' livro de poeta »

Não para confirmar as phrases acima, que não carecem de tal prova, mas para dar aos leitores idéa da suave inspiração que rescendem as *Télas do Minho*, reproduzimos a poesia com que abre o encantador livro de versos, e a qual tem por titulo:

Mágoa intima

Da minha mocidade entre a procella escura,
Que fez de mim proscripto, errando á desventura,
Por ignoto caminho,
Ficaram-me n'alma, a scintillar, dispersas,
Estas recordações, em lagrimas immersas,
Do meu céruleo Minho.

Saudades do meu Lar! sacrario bom do Amôr,
Podets avaliar a gamma d'esta dôr

Que o meu coração tem...
Pudesse eu alumiar as minhas pobres *Télas*,
Do clarão que as faria, em um momento, estrellas
Do olhar de minha mãe!...

O calix de ouro do Mosteiro de Alcobaca — por D. José Pessanha — Imprensa Nacional — Lisboa — 1900.

N'um interessante folheto compilou o erudito investigador sr. D. José Pessanha muitas indicações e documentos curiosos referentes a um celebre calix de ouro que pertenceu ao mosteiro de Alcobaca, e que, tendo em 1834 sido levado para a Moeda e d'ahi para a Bibliotheca Publica, d'ella desapareceu em 1836. Ficou a patena, que, em 1892, tendo ido á exposição colombina de Madrid, não foi encontrada no regresso.

O calix de ouro do mosteiro de Alcobaca teve sempre fama pela sua riqueza, belleza e antiguidade. Tinha figuras em relevo, esmaltes e pedras preciosas e n'elle se viam gravadas certas inscrições de sentido enigmatico, cuja leitura se tentou fazer, explicando Biuteau e outros auctores o sentido das curiosas inscrições.

Tres versões correram sempre acerca da origem da formosa joia. Segundo uns o precioso vaso sagrado teria sido feito das joias de D. Ignez de Castro, doadas ao convento por D. Pedro I; segundo outros o calix proviera de joias legadas ao mosteiro alcobacense por D. Affonso II; e finalmente asseveram outros que fóra dadiiva do cardeal infante D. Affonso, ou de el-rei D. Manoel, quando na menoridade de seu filho, governara o mosteiro cisterciense.

Apreciando cuidadosamente todas estas hypotheses, fundando-se no estylo da patena, que era o estylo allemão do seculo xvi, o sr. D. José Pessanha examina e pondera eruditamente tudo quanto se refere ao celebrado calix, transcrevendo documentos ineditos ou dispersos e reproduzindo desenhos curiosos.

E' pois um interessante opusculo que de algum modo nos consola da deploravel perda de tão precioso exemplar da ourivesaria religiosa.

Dialecto mirandez, por Albino J. Moraes Ferreira — Lisboa — 1898.

E' um estudo deveras interessante sobre o dialecto mirandez o trabalho publicado n'este livro. E mostra-se tão completo quanto seria possivel exigil-o.

Em trabalho tão minucioso ha não só a admirar a boa observação e critica do auctor, como tambem a lucidez e bom methodo com que está disposto.



A CANTORA AUGUSTA CRUZ CARNEIRO — FALLECIDA EM 6 DO CORRENTE

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.